

Uma COP na Foz do Amazonas¹

Pedro de Camargo Neto²

Desastres climáticos sempre ocorreram porém se tornaram mais intensos e frequentes. Enfrentar essa realidade requer ações coordenadas e urgentes em escala global, incluindo a transição para fontes de energia não fósseis. A emissão de gases de efeito estufa, resultante da queima de combustíveis fósseis, desmatamento e outras atividades humanas têm fortes efeitos na natureza, como o aumento da temperatura média da Terra, derretimento de geleiras, elevação do nível do mar e eventos climáticos extremos.

O Brasil ocupou importante liderança ao realizar a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1992 no Rio de Janeiro. A evolução do debate ocorre nas Conferência das Partes (COP) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (UNFCCC). A compreensão científica sobre o tema vem avançando, porém é clara a responsabilidade dos combustíveis fósseis. Sediaremos em 2025, em Belém, no Pará, uma importantíssima COP.

As emissões do Brasil são menos de 2 % das globais. Uma matriz energética cada dia mais limpa nos coloca em posição para assumir uma liderança que já foi nossa no passado. Nossa grande responsabilidade são as emissões do desmatamento da Amazonia. Importante destacar que se reduziram, porém ainda longe de resolvido, pois persistem as ilegalidades do garimpo, extração madeireira e grilo de terras. Exige-se maior prioridade política e gestão pública mais eficiente.

A posição do Brasil, sua extensão territorial, recursos hídricos, vegetação tropical, sol, biodiversidade precisam ser valorizadas voltando a colocar o país na liderança. A matriz energética, indiscutivelmente melhor do que a grande maioria, é resultado de uma série de fatores:

- relevância da energia de fonte hídrica;

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2024/05/29/uma-cop-na-foz-do-amazonas.ghtml>

Acessado em 29.05.2024

² Presidente da Sociedade Rural Brasileira e secretário do Ministério da Agricultura e Pecuária

- o desenvolvimento do etanol como combustível, antes da preocupação climática;
- o biodiesel, em especial o da soja;
- os avanços nos biocombustíveis: o etanol de segunda geração; o saf - combustível sustentável para aviação; o biogás metano; e certamente breve, o hidrogênio de fonte verde;
- a geração de energia eólica que disparou no Nordeste e Sul do país;
- igual sucesso ocorre com a fotovoltaica.

O custo da energia vem caindo criando a oportunidade para um novo e forte posicionamento como exportadores de energia limpa e seus produtos e serviços.

A nível global, a grande emissão de carbono resulta dos combustíveis fósseis. É o carbono retirado das profundezas que após gerar energia é lançado na atmosfera. Formados a partir da decomposição de matéria orgânica ao longo de milhões de anos: o petróleo, que refinado produz gasolina, diesel, querosene; o carvão, na geração de eletricidade e na siderurgia; o gás natural, principalmente metano, para aquecimento, geração de eletricidade e combustível para veículos. São amplamente utilizados devido à sua alta densidade energética e baixo custo, mas sua queima é a grande questão da natureza. Por razões geográficas e históricas, não são a prioridade do Brasil.

O mundo caminha devagar no esforço da substituição por energias renováveis. As transformações da natureza não esperam. Alguns países avançam menos do que o prometido. Cumpra ao Brasil liderar a pressão internacional na redução de uso dos fósseis. Uma oportunidade para ocupar uma posição inegável desde que o discurso internacional seja sustentado pela realidade nacional. A hora é agora, pois sediaremos esse importante debate, em um especial momento, com a presidência da COP em Belém.

Um debate crítico é a exploração de petróleo e gás na Foz do Amazonas, região onde será realizada a COP. A área é rica em recursos naturais, mas também sensível do ponto de vista ambiental. O ambientalismo parece confiar na decisão técnica do Ibama. Decisões políticas nunca se limitam a técnica, contando sempre com vertentes econômicas e sociais. Rica em biodiversidade, abriga diversas espécies de flora e fauna, algumas ameaçadas de extinção. Um eventual derramamento de óleo na região poderia ter consequências devastadoras afetando áreas protegidas e comunidades locais. A exploração continuará a ser um assunto complexo, pois envolve desafios técnicos para a preservação de um rico e delicado ecossistema.

Destaco a vertente econômica. Bilhões em carbono armazenados nas profundezas que se trazidos para cima vão se juntar na atmosfera aumentando o aquecimento global. Uma riqueza, com efeitos imprevisíveis. Uma herança na formação da terra. Arrancar das profundezas trás oportunidades imediatas, empregos e lucros. Não tocar nessa poupança reduz a emissão imediata de carbono na atmosfera, política que dizemos defender nos fóruns globais. Teria também efeito na oferta do combustível fóssil nos mercados internacionais.

Consequentemente reflexos nos preços dos fósseis que favoreceriam os produtores de biocombustíveis, setor no qual o Brasil aparece como claro vencedor, também gerando empregos e lucros. Um debate importante: gastamos a poupança hoje dificultando nosso papel de produtor de biocombustíveis. Guardamos para um eventual futuro. Herdeiros perdulários são sempre muito encontrados. Poupar é questão de educação e cultura.

Ambientalistas e produtores de biocombustíveis chegam divididos nesse debate afastados pela insistência das críticas nas questões desmatamento e produção de alimentos. Perdemos a união debatendo a supressão vegetal permitida na legislação, o desmatamento legal. Podem ser iguais na emissão de carbono, biodiversidade e clima, porém politicamente requerem ações distintas. Essencial resolver o crime para então entrar em novo debate. Perdemos a união ao não reconhecer que o Brasil produz alimentos emitindo menos carbono que os demais produtores. Restringir, encarecer, uma agricultura que já caminha no sentido correto não parece ser o caminho.

Pressionar uma redução, que seria mínima quando comparada ao total das emissões de carbono globais e trariam como reflexo pressão na produção de alimentos no Brasil. Pressionar o ainda resiliente e poderoso carbono dos combustíveis fósseis, a nível global, o verdadeiro vilão. Um debate a ser travado na Foz do Amazonas em 2025.